

As palavras do veneziano Marco Polo a Kublai Khan, o imperador dos tártaros, pela pena de Italo Calvino¹, emanam da experiência errática do explorador de mundos. Diz o viajante que “o inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos”. Certamente, a fina apreensão desta dor, que tem a significância de uma condição, foi forjada na rotina estadia em incontáveis paragens, cidades, ainda que nenhuma delas esteja situada em alguma coordenada geográfica da Terra. Polo, sustentado por uma criticidade definitivamente estrangeira, segue falando que “existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo e abrir espaço”.

Mauro Meiches se põe a analisar e a explorar mundos, convidando o leitor a acompanhá-lo num percurso ousado, tanto pelas articulações teóricas que propõe, como pelo tratamento oferecido ao que se pode reconhecer como condição humana, presente no cerne da aventura psicanalítica. Para tanto, escolhe um caminho que, ao longo da leitura, se mostra fecundo: mergulha na ambientação mítica, artística, histórica e filosófica da tragédia grega para dali constituir, pela via do *trágico*, um diálogo com o vasto conhecimento psicanalítico, movimentando-se entre a teoria e a clínica; entre o sujeito do de-

Movimentos e ultrapassagem em análise

Resenha de Mauro Pergaminik Meiches, **A travessia do trágico em análise**, São Paulo, Casa do Psicólogo/FAPESP, 2000, 185 p.

sejo e o ser cultural que a psicanálise concebeu em eterna *ambivalência*.

Um dos destaques do livro é, sem dúvida, a generosidade didática do autor-psicanalista que, freudianamente, recorre à prova literária² para nos apresentar, em perspectiva, diversas expressões da cena analítica. Por meio do conteúdo mítico, pela força da interpretação encontrada na tragédia ou pelos caminhos da escuta situada entre o universal (o trágico) e o singular (os *sítios identificados* pelos quais transitamos, ou, como Édipo, *coxeamos*), somos leitores colocados em movimento, em humanidade radical: o texto conduz a uma leitura de natureza flutuante, à semelhança do que propunha Freud em 1912, como imperiosa via de sustentação dialógica no campo da interlocução analítica.

A travessia do trágico em análise se mantém dentro de uma tensão inerente aos dois universos que examina: a tra-

gédia grega e a psicanálise, meticulosamente cotejados, ora justapostos, ora diferenciados, porém sempre apoiados em suas dinâmicas mesmas, isto é, ambos trabalhados dentro de estruturas conceituais, movimentos temáticos e formas de expressão que lhes são intrínsecos.

O trágico e a tragédia, “esta sendo o berço daquele”, em situação dialógica com a psicanálise (método, teoria e clínica), resultam num texto inquietante para o leitor-psicanalista. Frequentemente somos instados a pensar e a associar, caminhando na companhia de estudiosos helenistas, animados pela presença da obra freudiana, orientados pelas contribuições de Lacan e de muitos outros psicanalistas de diversas origens e gerações. Contudo, surge ainda, durante a leitura, nossos próprios cenários a pedir passagem: a clínica de todos os dias, a vívida e enigmática (no sentido mitológico) formação, a pulsação das análises pessoais, as passagens da vida.

A obra recomenda receptividade às nuances do espírito; trânsito possível graças ao potencial de fecundidade que encontramos na arte, sobretudo quando inseminada pelo manan-

cial mítico e encarnada na força expressiva do teatro. *Presente de grego!*

A cena trágica

A cena trágica é descortinada por Meiches pela introdução de *hybris* (excesso, desmedida ou desmesura), noção paradigmática da tragédia. Aqui, o leitor é remetido a uma difusa, mas profunda sensação de reconhecimento. A noção de excesso se encontra no centro dos embates entre o indivíduo e a cultura, área explorada pela psicanálise em variados recortes e propagada em dimensões espetaculares pela mítica religiosa através do eficiente senso de pecado, como modo de afirmação cultural na lida com a descomunal força disruptiva do impulso. *Hybris* é um conceito relativo, volátil, que está a anunciar uma gama respeitável de possibilidades conflitivas, matéria-prima do ofício psicanalítico.

Os conflitos ganham visibilidade no texto e no cenário da *pólis* que, por sua vez, “acolhe o selvagem, já que dele não pode escapar. Ele está em seus cidadãos, uma vez que o impulso em sua direção não se extingue. Esta é uma percepção aguda do homem e começa a configurar o que será o humano trágico: aquele que lida com o homem enquanto eterno problema. Ela parece inspirar muito da concepção freudiana de homem” (p. 26).

O livro apresenta seus laços com a análise e com a vida, pois não há um terreno estável, mas áreas de reflexão; somos sustentados, provisoriamente, por construções de sentido que a qualquer momento se dissipam para o surgimento de novas configurações. Analiticamente, o autor potencializa a possibilidade de extrair da palavra escrita a propriedade de produzir suspensão representacional e trabalho associativo para um leitor, a esta altura ávido, ao perceber a intensidade dos saberes que a leitura oferece.

Do nascimento da tragédia, situado na Grécia do século V a.C., o *trágico* aos poucos se apresenta: “estaria ligado intrinsecamente a esse trabalho de conhecimento que passa inexoravelmente pela dor. Sentir não seria suficiente para definir uma condição trágica; é preciso também sabê-la trágica” (p. 22).

Enquanto nos aproximamos deste arisco conceito, adentramos em outro ponto de ligação entre a tragédia e a psicanálise, pois “algo, para ser considerado trágico, depende de uma interpretação”. Ésquilo, Sófocles e Eurípedes fornecem o material para que Meiches se movimente por mitos interpretados pelo teatro trágico, no garimpo de contundentes exemplos de temas que abrigam grande interesse para os psicanalistas: *As Suplicantes*, *Édipo-Rei* (mito central na edificação psicanalítica que ganha ampliação interpretativa destacada neste trabalho), *Ájax*, *As Eumênides*, *As Bacantes*, entre outros.

A literatura exerce uma função de reciclagem anímica para os psicanalistas. Tal oxigenação encontrada no contato com o texto literário envol-

ve um sentido erótico especialmente importante, agindo como um contraponto para a voracidade científica que nos espreita, nas tentativas de apreensão do instável objeto da análise.

A tragédia grega, sem meias palavras, cunhou o mesmo homem fragmentado (absorvido pelos paradoxos da existência e do existir) que está presente na longa duração histórica pelas mãos de William Shakspeare, Arthur Schinitzler³, Fernando Pessoa, Nelson Rodrigues, para sermos sucintos.

Pelo teatro (música, imagem, movimentos corporais), o trágico, como no sonho, ganha força de verdade, num grande apelo aos sentidos. No centro desta inelutável tensão entre o político e o anti-político surge uma primeira teorização da tragédia. “A depuração das emoções, sua catarse, revela o âmago da teoria de Aristóteles sobre essa manifestação artística. O discurso que interpreta a tragédia do ponto de vista político deve ser acompanhado por outro discurso que fale desse lado “*anti-político*” que habita *todo cidadão*” (p. 41).

Mesmo para o leitor mais suspeito, vão se tornando muito perceptíveis os rendimentos que a mitologia interpretada pela tragédia oferecem ao mundo psicanalítico, desde Freud.

Um importante fio condutor desta trajetória de exploração de universos é a reiterada experiência de perda engendrada pela constante *transitoriedade*

de das formas e da consequente e eterna problemática do luto. Em torno deste leito, ora latente, ora explícito, desenvolve-se a abertura do amplo espectro temático: *páthos*, “a experiência que se adquire na dor; alteridade, “que se refere às destituições necessárias de certas identificações e idealizações para que possamos arriscar, sem segurança alguma, uma vida pessoal” (p. 49); a família, a culpa, o retorno às origens, o infantil.

O autor conduz a reflexões que se colocam no centro da teoria e da clínica, sempre apontando para a presença da *ambivalência*, da *polissemia* do discurso e do ato, elementos característicos do gênero trágico que o aproximam radicalmente dos fenômenos com os quais trabalhamos em psicanálise e que dimensionam nossa atividade interpretativa.

Transitoriedade é o que experimentamos, quando o trágico exhibe mais uma de suas facetas: “Platão, a crítica ao trágico e um pior que a tragédia”. Platão, podemos supor, propõe um distanciamento em relação ao trágico, criticidade que funcionaria como antídoto à potencial loucura e ao domínio dos sentidos, que se precipitam no subtexto da tragédia: “o grande risco seria confundir ilusão com verdade. Por isso, é necessário retirar a força fantasmática da ficção, expulsando-a da cidade. Dito de maneira mais cabal, a poesia poderia transformar os sentimentos do riso e da pena em senhores de nossa alma, quando seria ela que deveria domesticá-los para os tornar melhores” (p. 101).

Pode haver um pior que a tragédia? Sim, o pior estaria no irrepresentável que se impõe, abismo do incognoscível, presentificado na figura do deus-bode Pã, que “anula a comunicação do indivíduo com ele

mesmo e dele com o coletivo que o circunda e do qual faz parte” (p. 103).

O final deste, que é o mais longo dos capítulos, anuncia o que vem adiante: *transitoriedade* e luto habitando o campo das análises, matizados pela constância dos elementos trágicos.

A cena clínica -

A clínica psicanalítica apresenta seus temas, seu espaço teatral e seus personagens, tanto os oficiais (analista e analisando), como aqueles que a trama afetiva coloca em cena analítica pela transferência.

O luto decorrente da perda de lugares identificatórios é uma abordagem que orienta o leitor, favorecendo a apreensão de uma relevante temática trágica: a *transitoriedade*, já posta em foco na primeira parte do livro. Aqui, um capítulo é dedicado à clínica, com a apresentação, em forma literária, de passagens da travessia analítica de João, Carla e Vera, seus dramas, seus lutos e novas possibilidades de ser.

Os relatos clínicos oferecem uma visão tridimensional, pois encorpam, nas *singularidades* do sujeito e da relação analítica, toda a reflexão que colocou lado a lado os traços de *universalidade* contidos tanto no mundo grego (mítico, trágico) quanto no psicanalítico, um mundo sustentado pela perspectiva de simultânea multiplicidade conflitiva.

Transitoriedade identitária, pânico, luto, *páthos*, *hybris*, *phillia* etc. Falas do universal são captadas pela escuta do *drama* pessoal, convidando à apreciação de considerações em torno das noções de patologia e cura. "A recusa dessa transformação identificatória ao longo da vida é causa certa de psicopatologia. Quando é insuportável a mudança de lugar estamos próximos em demasia da catástrofe, naquilo que ela tem de sentido único, sem volta, sem possibilidade de expansão da consciência de uma condição" (p. 116).

A interpretação psicanalítica põe a *páthei máthos* esquiliniana ("no sofrimento, o conhecimento") em operante inversão, isto é, a análise, por meio da postura interpretativa (trata-se realmente de postura), cria uma nova disposição dos fatores que poderia ser assim colocada: no vertiginoso *conhecimento* da condição errante, a *dor*. Assim, parece plausível que se postule a existência de um sofrimento específico, gerado e gestado na travessia analítica, ao qual compreensivelmente se resiste. Ainda que a vida se encarregue de promover experiências da mesma natureza disruptiva, a análise o faz com o cuidado circunscrito no método, dentro de uma proposta que comporta a intencionalidade terapêutica.

Um outro olhar: o trágico por Nietzsche

Nova perspectiva. Com a entrada de Nietzsche, o trágico ganha um inesperado olhar. O excesso, aqui, já não tem as características da *hybris* que deveria ser expulsa, dentro de uma perspectiva política, mas, ao contrário, é tratada como *sublime* para ser estirada, distendida sensorialmente, num amálgama de prazer e dor (*ale-*

gria trágica). "Há um prazer pelo contato com a dimensão da produção de mundo, posta em nossa frente pelas artes da palavra e da música" (p. 130).

Ao unir dois impulsos estéticos, o apolíneo (a forma, o belo) e o dionisíaco (simultaneidade entre lucidez e embriaguez), temos paradigmas similares para a tragédia e para a psicanálise: no lugar da norma, a aceitação; aceitação que faz de *páthos* não apenas a experiência que se adquire na dor, mas a experiência que também inclui a alegria da anunciação de um futuro, expectante por novas possibilidades.

A interpretação de Nietzsche nos leva, como analistas, a encontrar uma espécie de positividade, numa oportuna ultrapassagem daquele foco analítico que habitualmente é colocado na dor. É um olhar sobre o trágico que contempla a complexidade dos movimentos sensoriais instigados pela interpretação artística. Em Nietzsche temos "o trágico metaforizando o analítico" (p. 148).

Para Lacan, a metáfora possui a maleabilidade capaz de fazer movimentar calcificados posicionamentos entre significante e significado e, a partir desta propriedade, *mover a censura*. Em outras palavras, a metáfora tem um estatuto clínico porque, "inclusive, estetiza a psicanálise, dotando-a de uma plasticidade própria da energia sexual, que esse saber postulou como sendo básica pa-

ra todo e qualquer movimento terapêutico, singular ou cultural" (p. 156).

Travessia do trágico

No quarto e último capítulo chegamos à articulação entre os conceitos de identidade e de *identificação*, encarnados pelo relato da travessia analítica de Ernesto. Acompanhando um fluido movimento oscilante entre construções e desconstruções de sentido, atmosfera à qual o autor sempre nos reporta, dialogamos com algumas idéias de Freud, Klein e Lacan, num último passeio pelos pontos basilares deste trabalho. Todavia, é o universal da análise que protagoniza o derradeiro trecho da viagem, isto é, permite-nos localizar aquilo que se experimenta no processo analítico, independentemente de filiações. "Iniciamos uma análise tentando tratar da identidade, desse pedaço inamovível em nós, marcada pelos laços apertados da família ou de suas derivações em escala maior. E acabamos por encontrar, com a travessia da análise, não a identidade, mas identificações que nos liberam de uma só imagem identitária" (p. 173).

Nas entrelinhas desta trajetória onde dois universos seguem juntos, num processo de enriquecimento notável para um e para outro, ao leitor se insinuam várias mensagens transmitidas com sutileza. Uma delas merece destaque: escuta é uma possibilidade para o analista que aceita sua condição transitória, e que, por isso mesmo, se põe a propiciar, como lhe for possível, a travessia em análise de um outro. Oportunamente, tal apontamento nos permite discernir entre psicanalistas e técnicos em psicanálise.

A travessia do trágico em análise de Mauro Meiches é um trabalho que abre caminhos para uma informada visitação a alguns pontos nodais do processo analítico; processo que se tece por tramas representacionais, onde tempo e espaço se encontram em incessante redimensionamento, conforme anuncia a elucidativa apresentação de João Frayze-Pereira.

Aos psicanalistas se recomenda ler, escutar e, voltando a Marco Polo, abrir espaço para este livro escrito à luz da erudição. Bem-vindo presente apolíneo, animado pela bruma onírica.

Osmar Luvison Pinto é psicanalista do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, coordenador de Seminários clínicos, e professor no curso de Atendimento em Orientação Familiar e Processos Psicoterapêuticos do Instituto Sedes Sapientiae.

NOTAS

1. Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 150.
2. *Prova literária* é uma expressão que deriva da *prova científica*, ainda que desta se diferencie em foco e conteúdo. Desde Freud, a Literatura oferece aos psicanalistas uma nova entrada para a comunicação de situações analisadas. É uma modalidade da narrativa clínica que se distancia do traço comprobatório utilizado para se estabelecer relações de causa e efeito no relato das operações analíticas. Assim, a *prova* contida no texto literário está para a degustação e para a abertura para todos os sentidos.
3. Schinitzler foi contemporâneo de Freud em Viena. Este lhe dedicou um texto por ocasião de seu septuagésimo aniversário. O escritor foi considerado um ícone da contra-cultura no período que se conhece por Modernidade Vienense; à sombra das luzes do progresso (científico inclusive), Schinitzler deu lugar ao mal-estar, ao homem dividido, desafiado pelas inelutáveis contradições diante do amor e da morte. Sua obra é vasta e reconhecida, tendo vários livros traduzidos para a língua portuguesa.